



SOBRE VIVÊNCIAS:

UM ESTUDO SOBRE AS VOZES FEMININAS NO RÁDIO PELOTENSE

Silvana de Araújo Moreira¹

Resumo: O rádio se estabeleceu no Brasil em 1922 e Pelotas é pioneira com a fundação da Sociedade Rádio Pelotense AM, em 1925. Em seu início, as emissoras receberam muitas mulheres em sua programação, porém elas estavam mais vinculadas às radionovelas e musicais e menos às funções radiofônicas. Mais recentemente, as mulheres conseguiram ampliar a participação, mas ainda há diversos campos da comunicação em que a atuação feminina é pequena. Analisando o exemplo da Rádio Federal FM, vinculada à Universidade Federal de Pelotas, fundada em 1981, é possível ter um panorama sobre a inserção das mulheres no rádio. A emissora teve a participação de cerca de vinte profissionais homens em seu quadro técnico e apenas sete mulheres, mas apenas quatro desempenharam as suas funções como radialistas. Esta comunicação tem o propósito de dar início a uma discussão teórica para compor a pesquisa de doutorado intitulada “[...]e as mulheres vão abrindo espaço meio a fórceps, não é fácil, não foi fácil” - as vozes femininas nas ondas das rádios pelotenses. A pesquisa tem como objetivo principal investigar em que medida a linha editorial e os conteúdos das emissoras de rádio pelotenses influenciaram a inserção de mulheres em sua grade de programação para compreender as desigualdades de gênero neste ambiente. A principal metodologia a ser utilizada é a História Oral.

Palavras-chave: Mundos do trabalho, gênero, rádio, História do Tempo Presente, História Oral.

INTRODUÇÃO

A temática desta pesquisa surge da minha dissertação de mestrado intitulada “ZYD 579, 107,9 MEGA HERTZ - RÁDIO FEDERAL FM” O PROTAGONISMO DO RADIALISTA COMO SOBREVIVENTE DAS MÍDIAS (1980-2017) defendida em 2019. Entre algumas das atividades de pesquisa foi analisado o quadro de servidores da Rádio Federal FM, vinculada a Universidade Federal de Pelotas que mostrou uma diferença grande entre o número de mulheres e homens que trabalharam na emissora. Durante os 38 anos de história, completados em 8 de janeiro de 2017, cerca de vinte homens trabalharam e/ou

¹ Mestra em História – Universidade Federal de Pelotas – sissamoreira@gmail.com



trabalham como radialistas e apenas quatro mulheres exerceram funções de radialista na emissora, sendo que, atualmente, apenas uma delas segue na rádio.

Foi assim que as histórias dessas mulheres protagonizaram um capítulo da dissertação com o objetivo de analisar o papel dessas mulheres dentro do rádio e as dificuldades pelas quais elas passaram para iniciar e dar manutenção a suas carreiras dentro do ambiente radiofônico. A metodologia utilizada foi a História Oral.

A história das mulheres é atravessada por diversas formas de opressão. Com as lutas travadas pelos movimentos feministas algumas conquistas estão modificando este cenário de preconceito e discriminação, mas ainda assim há muito o que ser transformado em diversas áreas. No mundo do trabalho, existe alguns ofícios que ainda são ocupados preponderantemente por homens, principalmente os mais valorizados e de maior poder. Além disso, as mulheres precisam dar conta de uma rotina de trabalho e de atividades de casa, muitas vezes recebendo menos do que os homens que exercem a mesma função².

Desta forma, para a tese de doutorado, surgiu a necessidade de ampliar a pesquisa realizada com as mulheres da Rádio Federal FM para as demais rádios da cidade de Pelotas tendo como objetivo principal o estudo dos espaços ocupados por estas mulheres, as dificuldades sofridas e o papel destas radialistas dentro dos veículos de comunicação. Nos registros do Diário de Campo que está sendo constituído para essa pesquisa, apenas mais dezenove mulheres foram lembradas, além das trabalhadoras da Rádio Federal FM.

1. METODOLOGIA E FONTES

A pesquisa se enquadra no âmbito da História do Tempo Presente, tendo em vista o recorte temporal e o objeto de análise. De acordo com Fico (2012, p.44) “uma das principais peculiaridades da História do Tempo Presente é a pressão dos contemporâneos ou a coação pela verdade, isto é, a possibilidade desse conhecimento histórico ser confrontado pelo testemunho dos que viveram os fenômenos que busca narrar e/ou explicar”. Apesar dos questionamentos com relação à subjetividade dos estudos do tempo presente, que

² Em 2018, 52,3% da população em idade de trabalhar era formada por mulheres. Contudo, os homens representavam 56,7% da parcela da população que trabalhava. Enquanto o rendimento médio mensal de todos os trabalhos foi de R\$ 2 234 em 2018, ao analisar a correspondência por sexo, o estudo mostrou estimativas de R\$ 2 460 para os homens e de R\$ 1 938 para as mulheres, indicando que a proporção do rendimento das mulheres em relação ao dos homens era de 78,8%. Fonte: IBGE, Diretoria de Pesquisas, Coordenação de Trabalho e Rendimento, Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua 2018. Ver: https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv101673_informativo.pdf. Acesso em: 25 de janeiro de 2020.



IV SEMINÁRIO INTERNACIONAL
HISTÓRIA DO TEMPO
2021 PRESENTE
UDESC - FLORIANÓPOLIS - SC



influenciariam nas questões de neutralidade e imparcialidade dos historiadores, os relatos testemunhais foram essenciais para compreender os conflitos após as guerras mundiais.

Assim, praticamos, hoje, uma História do Tempo Presente bastante distinta da que prevaleceu na Antiguidade e Idade Média e perdurou de algum modo até a interdição estabelecida por Ranke. Após uma fase de busca de legitimação posterior à Segunda Guerra Mundial, o recurso às fontes orais e à temática dos eventos traumáticos tornou a questão do testemunho proeminente. Muito dessa história se fez a partir do depoimento dos que sobreviveram a aqueles eventos. Frequentemente, isso se deu com o propósito explícito (e político) de se evitar o esquecimento (FICO, 2012, p.47).

A pesquisa utiliza como metodologia principal a História Oral, de forma a buscar a história das rádios e de seus trabalhadores, bem como a pesquisa documental nos acervos das emissoras. Neste contexto, a História Oral torna-se necessária devido à pouca quantidade de material existente nos acervos das Rádios, tendo em vista que algumas até mesmo perderam seus arquivos em incêndios ou por falta de conservação. Além disso, as experiências vivenciadas pelas mulheres que trabalharam nestas rádios são de suma importância para o desenvolvimento da pesquisa. Em consonância com Alberti, cabe ainda ressaltar que por ser uma história do tempo presente, vários de seus protagonistas estão disponíveis como fonte:

[...] um método de pesquisa (histórica, antropológica, sociológica...) que privilegia a realização de entrevistas com pessoas que participaram de, ou testemunharam acontecimentos, conjunturas, visões de mundo, como forma de se aproximar do objeto de estudo. Trata-se de estudar acontecimentos históricos, instituições, grupos sociais, categorias profissionais, movimentos, etc. (ALBERTI, 1989, p. 52).

Desta forma, torna-se imprescindível entrevistar as trabalhadoras identificadas na pesquisa, algumas delas já nomeadas anteriormente, além de serem construídas narrativas com familiares de trabalhadoras falecidas. Como apoio, poderão ser consideradas entrevistas com profissionais e diretores das rádios.

Alberti (2004, p. 30) pondera que “se o emprego da História Oral significa voltar a atenção para as versões dos entrevistados, isso não quer dizer que se possa prescindir de consultar as fontes já existentes sobre o tema escolhido”. Desta forma, para além das entrevistas, faz-se necessário, como apoio, a análise das fontes documentais produzidas nas emissoras ou conservadas em acervos pessoais. Os jornais Diário Popular e Diário da Manhã também poderão contribuir com informações relevantes sobre as radialistas e o ambiente que



estavam inseridas. Para a análise documental se utilizará como suporte, prioritariamente, André Cellard (2008, p.305). Para ele:

A qualidade e a validade de uma pesquisa resultam, por sua vez, em boa parte das preocupações de ordem crítica tomada pelo pesquisador. De modo mais geral, é a qualidade da informação, a diversidade das fontes utilizadas, das corroborações, das intersecções que dão sua profundidade, sua riqueza e seu refinamento a uma análise. [...] Uma análise confiável tenta cercar a questão recorrendo a elementos provenientes, tanto quanto possível, de fontes, pessoas e grupos representando muitos interesses diferentes, de modo a obter um ponto de vista tão global e diversificado quanto pode ser (CELLARD, 2008, p. 305).

É importante também salientar a relevância da imprensa como registro da história do tempo presente. De Luca (2015) discorre sobre uma hierarquia de qualidade dos documentos estabelecida na década de 1970, na qual os jornais eram tidos como inadequados para a pesquisa histórica, por conterem fragmentos distorcidos sobre o evento ou fato. Nas décadas finais do século XX, com a terceira geração dos Anales, este cenário foi modificado e a utilização da imprensa como fonte passou a ser considerada e utilizada pelos historiadores. Desta forma, a pesquisa utilizará os jornais como fonte complementar às narrativas, de modo a preencher lacunas.

2. O GÊNERO DO RÁDIO

A história das mulheres no Brasil e no mundo é marcada pela discriminação e pelo preconceito, além da luta, da resistência e de algumas conquistas. Aos poucos, as mulheres foram conquistando espaços antes atribuídos apenas aos homens e incorporando uma atitude de protagonista em relação à história. No momento em que a história passou a existir como ciência, por muito tempo, os historiadores eram homens que escreveram suas pesquisas tendo como base o ponto de vista masculino. Desta forma, as mulheres foram invisibilizadas por muito tempo sendo colocadas à margem dos principais acontecimentos, refletindo o cotidiano hierarquizado que demonstrava uma superioridade do homem em relação à mulher.

Em meados do século XX, enquanto os meninos saíam para brincar com maior liberdade nas vias públicas, nas famílias dos setores médios da sociedade, as meninas auxiliavam suas mães na cozinha e nas tarefas domésticas mais leves, tais como secar louça, tirar o pó dos móveis, passar roupa, bem como cuidar dos irmãos e irmãs mais jovens. A divisão sexual



IV SEMINÁRIO INTERNACIONAL
**HISTÓRIA DO TEMPO
2021 PRESENTE**
UDESC - FLORIANÓPOLIS - SC



do trabalho começava desde cedo e permaneceria na fase adulta. (AREND, 2016, p.72)

Para Colling (2004), o problema não estava refletido nas diferenças e sim no modo como as relações eram hierarquizadas, mostrando a mulher como diferente e inferior ao homem. A autora acredita que, a partir dos estudos de gênero é possível: “[...] introduzir na história global a dimensão da relação entre os sexos, com a certeza de que esta relação não é um fato natural, mas uma relação social construída e incessantemente remodelada” (COLLING, 2004, p.28).

Foi a partir da Segunda Guerra Mundial que os movimentos sociais se consolidaram, abrindo espaço para as mulheres participarem com mais protagonismo das esferas sociais, políticas e econômicas. Ainda assim, sempre existiram diferenças entre os papéis dos homens e das mulheres em um mesmo ambiente de trabalho. O trabalho não poderia atrapalhar os afazeres domésticos das mulheres. Havia funções destinadas exclusivamente ao público feminino que jamais colocavam a mulher em uma posição de competição com o homem, muito menos de autoridade sobre eles. Com salários mais baixos em relação aos salários dos homens que desempenhavam a mesma função, era comum que as mulheres exercessem as profissões de professora, enfermeira, secretária e telefonista, além daquelas que se vinculavam ao mercado mais informal e, muitas vezes, reproduziam suas funções na casa, como lavadeiras, doceiras, costureiras, dentre outras. Essa realidade ainda é comum nos dias atuais.

Atualmente, o setor terciário é o que mais cresce, oferecendo emprego para todos, principalmente para as mulheres, sendo que cerca de 75% das mulheres que trabalham, o fazem nesse setor. A maioria dos empregos que elas ocupam são marcados pela persistência de um caráter doméstico e feminino: importância do corpo e das aparências; função das qualidades ditas femininas, dentre as quais as mais importantes são o devotamento, a prestimosidade, o sorriso etc. Pelo menos era o que ocorria até os anos 1980/1990 (PERROT, 2008, p.123).

Algumas leis e normas contribuíram para diferenças entre o trabalho masculino e feminino, como o Decreto nº 21.417 de 1932, assinado por Getúlio Vargas, que regulou as condições do trabalho das mulheres nos estabelecimentos industriais e comerciais. Ao buscar igualar o salário entre homens e mulheres, o decreto vetou o trabalho de mulheres em indústrias e comércios em horários noturnos, locais subterrâneos, construção civil, funções



IV SEMINÁRIO INTERNACIONAL
HISTÓRIA DO TEMPO
2021 PRESENTE
UDESC - FLORIANÓPOLIS - SC



nas quais precisassem carregar peso e atuar em empregos considerados perigosos ou insalubres.

Já a Constituição de 1946 autorizou a diferença salarial de 10% a favor dos homens. A igualdade entre homens e mulheres, como relação aos direitos e obrigações só foi conquistada bem mais tarde, com a Constituição de 1988. Contudo, a atual realidade mostra um cenário bem diferente daquele indicado pela legislação³.

O movimento feminista no Brasil tomou corpo na década de 1960, sobretudo com a grande resistência das mulheres à ditadura da época. Tal organização buscava marcar a política, lutar pelos direitos e contra as discriminações e violências vividas por elas. Através do movimento, foi conquistado em 1988 a inserção de um artigo na Constituição que proibia a discriminação das mulheres em seus empregos. Antes disso, a Lei 6.121, de 1962, chamada de Estatuto da Mulher Casada, foi um marco na luta das mulheres pelos seus direitos, tendo em vista que, com o Marco Civil de 1916 a mulher, ao casar-se, tornava-se relativamente capaz, precisando de uma autorização do marido para trabalhar.

Deve-se, ainda, considerar que a mulher casada tinha apenas a autorização presumida para atuar em emprego formal. Caso o marido julgasse que a ocupação de suas funções desestruturava a família, poderia reivindicar o fim do seu vínculo empregatício. Tal situação só foi modificada pela Lei 4.121 de 1962, denominada de Estatuto da Mulher Casada, embora, a partir de 1932, com a criação das juntas, as mulheres que estavam no mercado de trabalho pudessem lutar por seus direitos (GILL, 2019, p. 13).

A resistência masculina contribuiu para as dificuldades encontradas na consolidação da inserção da mulher no mundo do trabalho. Um outro problema é que as próprias mulheres viam o trabalho com preconceito, tendo em vista a construção cultural em que estavam inseridas. De acordo com Lipovetsky (2000), essa realidade foi superada apenas depois que a liberdade sexual deixou de ser percebida como imoralidade.

Na imprensa brasileira, o ano de 1975, marcou o surgimento do primeiro jornal feminista alternativo que se tornou um espaço voltado ao despertar da mulher para as

³ Dados de 2017 do DIEESE que analisam “A inserção da mulher no mercado de trabalho da região metropolitana de Porto Alegre”, mostram que a redução no rendimento médio real entre as mulheres foi de 2,9% em relação aos dados coletados em 2015, passando de R\$ 1747 para R\$ 1696. Apesar da redução de 4,8% no rendimento médio real entre os homens, ainda assim há uma grande disparidade, passando de R\$ 2176 para R\$ 2072. Ver: <https://www.dieese.org.br/analiseped/2018/2018pedmulherpoa.html> . Acesso em: 27 de janeiro de 2020.



IV SEMINÁRIO INTERNACIONAL
HISTÓRIA DO TEMPO
2021 PRESENTE
UEDESC - FLORIANÓPOLIS - SC



ideologias feministas. O jornal pautava questões como a luta contra a ditadura e a violência doméstica, o direito ao aborto e a manifestação da sexualidade.

O editorial do número zero do jornal, publicado em 9 de outubro de 1975, ao esclarecer seus objetivos, principalmente em sua primeira frase, criara muita polêmica: [...] queremos falar dos problemas que são comuns a todas as mulheres do mundo. Queremos falar também das soluções encontradas aqui e em lugares distantes; no entanto, queremos discuti-las em função de nossa realidade brasileira e latino-americana. (LEITE, 2003, p. 238).

As emissoras de rádio brasileiro, desde sua consolidação, receberam muitas mulheres em sua rotina de trabalho, porém tal situação ocorreu nas radionovelas e musicais e não exatamente nas funções da radiodifusão. Nestes programas as mulheres eram retratadas de acordo com as regras de boas maneiras da época. Contudo, as equipes das emissoras eram majoritariamente masculinas.

Atualmente, a mulher conseguiu ampliar a sua participação no mundo do trabalho. Apesar disso, há setores da comunicação em que a atuação feminina ainda é pouco explorada. A televisão abriu as portas para as comunicadoras, mas o universo radiofônico ainda é um ambiente predominantemente masculino, sobretudo, nas cidades do interior. Cabe ressaltar que, apesar da televisão ter um número maior de mulheres, poucas delas conseguem chegar a cargos de maior responsabilidade, como os de direção.

Em artigo que analisa a inserção das mulheres nas estruturas de tomada de decisão nos meios de comunicação europeus, Ross (2017) destaca que, como em várias áreas da vida social, econômica e cultural no século XXI, o número de mulheres em cargos com poder é muito baixo, principalmente quando comparado com a força de trabalho do setor analisado. Em consonância, Abreu & Rocha (2006) analisaram o mesmo fator ao entrevistar para o CPDOC jornalistas que atuam na televisão brasileira:

Se antes a barreira que as mulheres enfrentavam nos jornais era para entrar, não há dúvida de que esse obstáculo foi vencido. A partir dos anos 70, elas se qualificaram com o diploma universitário de jornalismo ou comunicação e com isso tiveram acesso ao emprego. Hoje algumas são secretárias de redação, chefes de sucursal e responsáveis por colunas de prestígio. No entanto, até hoje são raras as mulheres que participam do conselho editorial das empresas jornalísticas e que chegam ao posto de editora-chefe. Em geral não passam do nível de gerência média. (ABREU & ROCHA, 2006, p.11)



IV SEMINÁRIO INTERNACIONAL
HISTÓRIA DO TEMPO
2021 UDESC - FLORIANÓPOLIS - SC



Em seu Trabalho de Conclusão do Curso de Jornalismo da UFRGS, Luz (2015), ao ponderar sobre as razões que a levaram a pesquisar sobre as mulheres que trabalham na rádio e na televisão nas editorias esportivas, conta que trabalhou em dois veículos de comunicação vislumbrando um espaço nos setores que cobrem esporte. O objetivo era chegar a reportagem, contudo a jornalista não foi além da produção.

Não sou a primeira mulher que encontra barreiras no meio. A redação esportiva no rádio ainda é um ambiente pouco habitado por elas. Na televisão isso, aos poucos, está mudando. Mas as mulheres ainda precisam superar obstáculos, tanto junto às fontes, como no convívio com os colegas (LUZ, 2015, p. 8).

A Rádio Federal FM, por exemplo, foi inaugurada em 8 de janeiro de 1981 com uma equipe composta por homens em sua totalidade. No decorrer da sua história, a Rádio teve a participação de cerca de vinte profissionais homens em seu quadro técnico e apenas sete mulheres. Dessas sete, três estão ligadas aos serviços administrativos e apenas quatro desempenharam as suas funções como radialistas. Como já citado, para a dissertação de mestrado, essas quatro trabalhadoras foram entrevistadas. Vera Lopes, que entrou na Universidade em 1983, como diretora de produção, foi a primeira diretora mulher da Rádio Federal FM, em 2013, ficando no cargo até a sua aposentadoria em 2014. Sobre as suas experiências em veículos de comunicação, Vera Lopes (2017) diz que geralmente eram ambientes com muitos homens.

A rádio é um ambiente muito masculino, não só da Rádio Federal, mas todas as rádios que eu frequentei, para te falar a verdade, é um ambiente muito masculino e sempre tem aquela imposição do empoderamento do macho e as mulheres vão abrindo espaço meio a fórceps, não é fácil, não foi fácil, porque ninguém dá espaço, ninguém dá poder, isso é uma coisa que tu tens que conquistar, ou porque tu és eficiente, ou porque tu és abusada mesmo, ninguém vai dividir poder contigo.

Já a jornalista aposentada Zari Machado (2018) assumiu como assistente administrativa da Universidade Federal de Pelotas em 1977, trabalhando inicialmente como secretária da Faculdade de Biologia. Em 1983, após formar-se em Jornalismo, a servidora assumiu a função de redatora na Rádio Federal FM.

Teresa Cunha entrou por concurso em 1990 e assumiu o cargo de jornalista, trabalhando por um ano e meio na emissora. Depois deste período, Teresa foi convidada a



IV SEMINÁRIO INTERNACIONAL
HISTÓRIA DO TEMPO
2021 UDESC - FLORIANÓPOLIS - SC



chefiar a Assessoria de Imprensa, se dedicando um ano a essa função. Após enfrentar problemas dentro da instituição, a servidora acabou saindo da Universidade através do Plano de Demissão Voluntária, já que pensava estar sendo subaproveitada em sua função. Teresa Cunha (2018) também conta, em sua narrativa, que as redações das rádios tinham mais trabalhadores homens, mas declara que não teve dificuldades relativas a isso. Segundo a jornalista, eram “poucas mulheres trabalhando no rádio, se tu comparares com o número de homens é muito pouco. Eu não tenho do que me queixar, para mim sempre foi boa a relação, de respeito...”. Para ela, gostar de trabalhar com homens foi um fator que a ajudou a ter uma boa relação com os colegas.

Um fato revelado em sua narrativa foi a sua participação na equipe de Futebol da Rádio Tupanci, por volta do ano de 1977. Segundo Teresa Cunha, possivelmente ela foi a primeira mulher a participar da jornada esportiva em uma rádio da cidade. Ao descrever a sua experiência, revela que a participação era muito pequena:

E quando eu trabalhei lá na Tupanci, além de fazer essa parte das notícias, eu também entrei no futebol, então era muito interessante porque a equipe era toda masculina, acho que tinha uns 4 ou 5 e eu de mulher e eu ia para o estádio com eles e era muito legal porque eles conseguiram um banquinho baixinho para eu sentar, ali dentro do campo com eles, na beirada, então eu ficava ali sentada com eles, assistindo ao jogo, na época claro que eu não me animava a falar muito sobre o que estava acontecendo, mas eu ficava ali sentada...

A radialista destaca que à época ainda eram poucas as discussões sobre o feminismo e, por isso, essas questões não eram observadas com a profundidade que o tema alcançou na atualidade.

Porque naquela época não tinha muito essa coisa de feminismo... a gente não fazia essa separação, eu mesmo só fui entender mais o que era isso, quando eu voltei pela segunda vez para Brasília, no ano 2000, que eu fui trabalhar com a senadora que relatou a Lei Maria da Penha, a Lucia Vania, de Goiás e aí é que aquilo me abriu para essa questão da violência contra mulher.

Atualmente, apenas uma radialista integra o corpo da Rádio, a locutora Maria Alice Estrella que ingressou como assistente administrava em 1993, trabalhando na Reitoria da Instituição. Maria Alice, que à época declamava poemas, foi convidada a trabalhar na rádio em 1995, por ter uma boa voz. Estrella lembra como foi o seu teste para a função de locutora da emissora:



IV SEMINÁRIO INTERNACIONAL
HISTÓRIA DO TEMPO
2021 UDESC - FLORIANÓPOLIS - SC



Eu ingressei na rádio fazendo um teste para saber se a minha voz era uma voz audível, era uma voz compatível com o microfone. Foi muito interessante porque o meu primeiro teste durou quatro horas, apenas com uma lauda, eu não tinha tido experiência dentro de um estúdio de rádio. Eu já tinha sido entrevistada, em outras ocasiões, mas era uma coisa assim bem mais fácil. Naquele momento parecia assim que eu, fechada numa sala no estúdio, com uma porta à prova de som, só com um telão na minha frente, vendo as pessoas do outro lado e eles me orientando como eu tinha que postar o meu corpo, como eu tinha que pronunciar as palavras, a maneira de falar... foi muito interessante, foi um trabalho exaustivo de quatro horas, tipo assim: não é assim, tá errado, repete... Puxaram muito por mim e eu agradeço muito a esses companheiros e colegas que exigiram de mim esse esforço. E sai dali, daquele estúdio sem saber se eu seria ou não aproveitada na rádio, até que ponto a minha voz serviria à rádio.

Através da narrativa da radialista, fica evidente que o ambiente do teste não era confortável (embora ela não tenha sentido isto), tendo em vista que, de acordo com o seu relato, quatro homens passaram quatro horas exigindo um esforço da entrevistada.

Em Pelotas, nos registros do Diário de Campo que está sendo constituído para esta pesquisa, foram identificadas desde a inauguração da primeira emissora pelotense, em 1925, apenas dezenove mulheres radialistas. Nas rádios comerciais e educativas foram identificadas: Maria Clara Michels Pinho, da Rádio Pelotense, Fátima Salois, da Rádio Tupanci, Dora Elisa (nome artístico ou codinome), da Rádio Pelotense, Cleusa Pimenta (falecida), da Rádio Universidade, Rádio Pelotense e Nativa de Rio Grande, Cláudia Rodrigues, da Rádio Alfa e Cultura, Heloisa Helena Correa, da Rádio Cultura, Candinha Rocha (falecida), da Rádio Pelotense, Malu Madeira, da Rádio Pelotense, Marlene, da Tupanci, Regina Macedo, da Rádio Cultura, Nara Beatriz, da Rádio Tupanci e Vanda Leite, da Rádio Nativa.

Em contrapartida, uma rádio comunitária da cidade, a RadioCom, inaugurada em 1998, a partir da iniciativa de algumas pessoas e sindicatos de trabalhadores de Pelotas é a única que possui um programa feito exclusivamente por mulheres. Trata-se do programa Lua Sangrenta, produzido por um coletivo de mesmo nome, composto por mulheres do movimento feminista de Pelotas. Outro diferencial é o número de mulheres que emprestam as suas vozes à emissora: cerca de dez mulheres, quase o total de mulheres que trabalham ou trabalharam nas outras emissoras durante toda a história do rádio em Pelotas. Entre as radialistas estão: Heloisa Duarte, conhecida como Dj Helô, Vanessa Silveira, Ediane Oliveira, Betânia Dédalos, Helena Oliveira, Tais Galindo e Jéssica Porciúncula.



IV SEMINÁRIO INTERNACIONAL
HISTÓRIA DO TEMPO
2021 PRESENTE
UDESC - FLORIANÓPOLIS - SC



Atualmente, verifica-se que a presença de mulheres é quase nula se comparada ao homem. Esta realidade contrasta com o número de mulheres que cursam Jornalismo nas Universidades, que é superior ao de homens.

É difícil avaliar em que medida as mudanças no perfil educacional das mulheres as têm beneficiado em termos de inserção no mercado de trabalho e na geração de renda. Há avanços inegáveis, mas também fortes persistências no que diz respeito às desigualdades de gênero. (ABREU et. al., 2016, p.151)

Em Pelotas, foram identificadas poucas pesquisas que trabalham com o Rádio em geral e nenhuma delas trata de questões de gênero. Já no que diz respeito ao restante do país, em pesquisa sobre a presença feminina no radiojornalismo cearense, Paiva (2017) conta a história da primeira mulher a trabalhar com radiojornalismo no Ceará, na década de 1980, Adísia Sá, que inicialmente foi impedida de trabalhar por sua mãe pelo fato da emissora possuir apenas trabalhadores homens, depois teve o apoio de seu pai para tornar-se jornalista.

Outro estudo que aborda a presença feminina nas rádios de Chapecó-SC, mostra a mesma realidade. Pagliosa e Hermes (2018), identificaram 80 homens que trabalharam nas rádios da cidade, em contrapartida a apenas 22 mulheres.

A estimativa é que os homens que atuam no rádio têm salários maiores que as mulheres, por desempenharem mais funções ou por possuírem espaços terceirizados. Já as mulheres não conseguem fixar-se em mais de uma função, por dois fatores: poucas mulheres recebem esta oportunidade e, geralmente, a conquista de mais espaço é condicionada a venda de publicidade. (PAGLIOSA & HERMES, 2018, p.14)

Em outro artigo, Schuster & Pedrazzi (2008), pesquisam a presença feminina nas rádios de Frederico Westphalen, Rio Grande do Sul. Na investigação realizada nas duas rádios do município, concluiu-se que na Rádio Comunitária, oito mulheres trabalharam desempenhando a função de locutoras. Contudo, na Rádio Luz e Alegria, nenhuma mulher foi identificada durante os 40 anos de história da emissora. Em suas conclusões, a dificuldade de conciliar a profissão, a vida pessoal e o trabalho na rádio são algumas das razões elencadas pela autora, tendo em vista que não é possível para a mulher manter-se apenas com o trabalho de locutora, devido aos poucos rendimentos.

Em pesquisa que aborda o tema das mulheres no jornalismo esportivo de rádio e televisão em Porto Alegre, Luz (2015) pondera que os movimentos sociais feministas



conseguiram importantes conquistas, porém existem barreiras ainda muito difíceis para as mulheres. É o caso do futebol que, segundo a autora, teve a participação das mulheres proibida em alguns momentos da história do país. Em 1941, o Conselho Nacional de Desportos proibiu a participação de mulheres em algumas modalidades esportivas. Já em 1965, a participação das mulheres foi proibida no futebol.

Na televisão a abertura para a participação das mulheres nas coberturas esportivas está maior, mas o rádio segue sendo um ambiente laboral preponderantemente masculino. Contudo, para além da análise quantitativa da inserção das mulheres nos ambientes radiofônico e das diferenças biológicas que associam papéis a serem desempenhados por homens e mulheres, este projeto de pesquisa quer também analisar as relações de gênero e de poder que são estabelecidas na sociedade e refletidas nesta área, tendo em vista que:

As mulheres não são passivas nem submissas [...] Elas se afirmam por outras palavras, outros gestos. Na cidade, na própria fábrica, elas têm outras práticas cotidianas, formas concretas de resistência [...] Elas traçam um caminho que é preciso reencontrar. Uma história outra. Uma outra história. (PERROT, 1988, p. 212)

É neste sentido que esta pesquisa busca as contribuições que as mulheres deram para o rádio pelotense, transpassadas por todas as dificuldades, diferenças e discriminações.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ainda em fase inicial a pesquisa, para além de analisar a presença das mulheres no ambiente radiofônico, tem o propósito de analisar as trajetórias dessas mulheres, as dificuldades pelas quais foram expostas nestes ambientes, as opressões que precisaram lidar para permanecer na profissão. Além disso, tendo em vista as diferenças de realidades encontradas em rádios convencionais e comunitárias, surge também a necessidade de investigar em que medida a linha editorial e os conteúdos das emissoras de rádio pelotenses influenciaram a inserção de mulheres em sua grade de programação para compreender as desigualdades de gênero neste ambiente.

Para isso, será importante a pesquisa sobre a história das Rádios AM e FM de Pelotas, identificando as linhas editoriais de cada emissora e as trabalhadoras mulheres que desempenharam/desempenham funções de radialista.



IV SEMINÁRIO INTERNACIONAL
HISTÓRIA DO TEMPO
2021 PRESENTE
UDESC - FLORIANÓPOLIS - SC



A construção das fontes para a pesquisa foi afetada pela Pandemia da Covid-19, devido a necessidade das entrevistas. Contudo, como a sociedade está passando por uma grande transformação, a metodologia de História Oral também está se adaptando e já admite a realização de entrevistas orais à distância, utilizando as novas tecnologias, em casos em que seja a única forma de viabilizar a pesquisa. Desta forma, serão iniciadas as entrevistas no primeiro semestre de 2021.

REFERÊNCIAS

FONTES ORAIS

Maria Alice Estrella. Radialista. Entrevista concedida a Silvana de Araújo Moreira. Realizada na casa da entrevistada, Pelotas, 2017.

Maria Teresa Cunha. Jornalista e Radialista aposentada. Entrevista concedida a Silvana de Araújo Moreira. Realizada na Câmara dos Vereadores, Pelotas, 2018.

Vera Lopes. Radialista aposentada. Entrevista concedida a Silvana de Araújo Moreira. Realizada na casa da entrevistada, Pelotas, 2017.

Zari Machado Gonçalves. Jornalista e Radialista aposentada. Entrevista concedida a Silvana de Araújo Moreira. Realizada na casa de sua mãe, Pelotas, 2018

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABREU, Alice Rangel de Paiva; OLIVEIRA, Maria Coleta F.A de; VIEIRA, Joice Melo; MARCONDES, Glaucia dos Santos. Presença Feminina em Ciência e Tecnologia no Brasil. In: ABREU, Alice Rangel de Paiva; HIRATA, Helena; LOMBARDI, Maria Rosa. **Gênero e trabalho no Brasil e na França: perspectivas interseccionais**. São Paulo: Boitempo, 2016.

ABREU, Alzira Alves de; ROCHA, Dora. **Elas ocuparam as redações: depoimentos ao CPDOC**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006.

ALBERTI, Verena. **Manual de história oral**. FGV Editora, 2004.

ALBERTI, Verena. **História oral: a experiência do CPDOC**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 1989.

AREND, Silvia Fávero. Trabalho, Escola e Lazer. In: PINSKY, Carla Bassanezi; PEDRO, Joana Maria. **Nova História das Mulheres no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2016.

CELLARD, André. A análise documental. In: POUPART, Jean et al. **A pesquisa qualitativa: enfoques epistemológicos e metodológicos**. Petrópolis: Vozes, 2008. p. 295-316.



IV SEMINÁRIO INTERNACIONAL
**HISTÓRIA DO TEMPO
2021** PRESENTE
UDESC - FLORIANÓPOLIS - SC



COLLING, Ana. A construção histórica do feminino e do masculino. In: M. N. Strey, S. T. L. Cabeda & D. R. Prehn (Orgs.). **Gênero e cultura: questões contemporâneas** (Coleção Gênero e Contemporaneidade, Vol. I, pp. 13-38), Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004.

DE LUCA, Tania Regina. História dos, nos e por meio dos periódicos. In: PINSKY, Carla Bassanezi. (Org.). **Fontes históricas**. São Paulo: Contexto, 2015.

FICO, Carlos. História do Tempo Presente, eventos traumáticos e documentos sensíveis o caso brasileiro. In: **VARIA HISTORIA**, Belo Horizonte, vol. 28, nº 47, p.43-59, jan/jun 2012

GILL, Lorena Almeida. **A luta de Olga por seus direitos: imigração, saúde e trabalho de mulheres em Pelotas**, RS (década de 1940). História [online]. 2019, vol.38, e2019003. Epub Jan 31, 2019. ISSN 0101-9074. <http://dx.doi.org/10.1590/1980-4369e2019003>.

LEITE, Rosalina de Santa Cruz. **Brasil Mulher e nós mulheres: origens da imprensa feminista brasileira**. *Revista Estudos Feministas*, Florianópolis, v. 11, n. 1, p. 234, jan. 2003. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/S0104026X2003000100014/8721>>. Acesso em: 05 mar. 2018.

LIPOVETSKY, G. A. **A terceira mulher**. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

LUZ, Laura Becker da. **Em busca de espaço: Mulheres no jornalismo esportivo em rádio e televisão**. Trabalho de Conclusão de Curso da faculdade de Biblioteconomia e Comunicação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2015.

PAGLIOSA, Lidiane; HERMES, D. **O Rádio em Chapecó-SC: um mercado ainda predominado por homens diante da frágil participação feminina**. Anais do XIX Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul, 2018

PAIVA, Ana Vitória Reis Coutinho. **Presença feminina no radiojornalismo cearense**. *Encontros de Iniciação Científica UNI7* v. 7, n. 1, 2017.

PERROT, Michelle. **Minha história das Mulheres**. Tradução de Angela M. S. Corrêa. São Paulo: Contexto, 2008.

PERROT, Michelle. **Os excluídos da História: operários, mulheres e prisioneiros**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.

ROSS, Karen. **As mulheres nas estruturas de tomada de decisão nos meios de comunicação europeus**. *Media & Jornalismo*, n. ° 30, vol. 17, n. ° 1, p. 63, 2017.

SCHUSTER, Aline Josiane. PEDRAZZI, Fernanda Kieling. **Mulheres no rádio: uma investigação sobre a presença feminina nos microfones das rádios de Frederico Westphalen**. Anais do IX Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul, 2008.